

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL NA ESCOLA

Ana Lúcia Barros Leôncio

**Análise Crítica de Proposta Pedagógica: Ações afirmativas para implementação da Lei
10.6390 - Escola Municipal próxima à Comunidade dos Arturos – Contagem/MG.**

Belo Horizonte
2016

Ana Lúcia Barros Leôncio

Análise Crítica de Proposta Pedagógica: Ações afirmativas para implementação da Lei
10.6390 - Escola Municipal próxima à Comunidade dos Arturos – Contagem/

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.
Orientadora Professora Dra. Marlene de Araújo

Ana Lúcia Barros Leôncio

Análise Crítica de Proposta Pedagógica: Ações afirmativas para implementação da Lei
10.6390 - Escola Municipal próxima à Comunidade dos Arturos – Contagem/

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora Professora Dra. Marlene de Araújo

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Professora Dra. Marlene de Araújo

Resumo

Este estudo tem como objetivo a análise crítica da prática pedagógica de uma Escola Municipal de Contagem – MG, no que tange à implementação da Lei 10.639. Considera-se a proximidade físico/geográfica entre a escola e a Comunidade dos Arturos, conhecida em todo o Brasil e ao mesmo tempo o distanciamento de ambas, pois não há previsão no Projeto Político- Pedagógicas ações que promovam a interação entre a comunidade escolar e a Comunidade dos Arturos.

Palavras-chave: Identidade. Território. Memória coletiva.

Abstract

This study aims at a critical analysis of pedagogical practice of a Municipal School of Contagem - MG, regarding the implementation of Law 10.639. It is considered the physical / geographical proximity between the school and the Community of Arturos, known throughout Brazil and at the same time distancing both because there is no provision in the Political-Pedagogical Project, actions that promote interaction between the school community and the Community of Arturos.

Keywords: Identity. Territory. Collective memory.

SUMÁRIO

1- Introdução	6
2- Arturos	9
3- Levantamentos de dados	15
3.1- Questões apresentadas	16
3.2- Gráficos I, II, III e IV	12
4- Uma proposição para a escola	21
5- Considerações finais	22
6- Referências bibliográficas	24
7- Anexo	26
7.1- Questionário 1	27
7.2- Questionário 2	28

1- INTRODUÇÃO

Ao iniciar a participação no Curso de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, me dei conta da minha situação de parda. . Neta de negro, nunca senti na pele a discriminação e achava absolutamente normal que, como miscigenados vivíamos a verdadeira democracia racial.

Lendo os textos propostos, participando dos trabalhos, assistindo aos vídeos e depoimentos concluí, após muita reflexão, que fui alvo de “condescendência” e “benevolência” por parte dos meus pares sociais, pois meu avô, apesar de negro tinha prestígio naquele pequeno lugar por ocupar posição relevante na igreja e ter um emprego reconhecido. Minha mãe professora, conhecida no bairro, talvez tenha funcionado como uma blindagem para que não sofrêssemos discriminação meus irmãos e eu.

Mesmo católica, minha avó materna sempre me levou aos Arturos em ocasião das festividades e para que me benzessem, tudo me era familiar e nada me causava estranheza. No meu bairro também havia a Folia de Reis, Congado e, com exceção de algumas religiões que somente mais tarde foram chegando ao bairro e mostrando restrições a estas manifestações. Mas restrições muito tímidas. Assim, no mínimo inquietude o afastamento entre a comunidade escolar da qual participava e a comunidade dos Arturos desertou em mim. E por não perceber prevista na proposta pedagógica da escola, ações que promovessem a aproximação entre esses sujeitos, iniciei o trabalho de investigação pedagógica.

O foco deste trabalho é a análise crítica da prática pedagógica e as possibilidades de intervenção objetivando a aproximação/interação entre a comunidade escolar da Escola Municipal, inaugurada em 2004, na qual atuamos como professoras de Língua Portuguesa e História do 3º Ciclo e a Comunidade dos Arturos, situada a dois quilômetros da escola. Comunidade quilombola, composta de aproximadamente 80 famílias, filhos, netos e bisnetos de Artur Camilo, declarada patrimônio imaterial pelo município de Contagem e pelo estado de Minas Gerais, guardiã de um espaço e de uma cultura, unidos pela religiosidade representada pela devoção a Nossa Senhora do Rosário e manifestações como o Congado e a Folia de Reis.

É farto o registro sobre comunidade, inclusive com vasto material encontrado nas Referências culturais – Comunidade dos Arturos – IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais constante de levantamento completo de estudos, teses, dissertações e monografias. Trabalhos científicos que tratam desde a infância, passando pela

adolescência, juventude, mundo do trabalho, representação das mulheres na comunidade. Detalhadas pesquisas sobre o lugar do sagrado nos festejos, no culto à ancestralidade.

A dissertação de mestrado apresentada por Karla Ocelly Costa, à UFMG em 2013, intitulada “Arturos, filhos do Rosário”, trata das práticas sociais, uma história que se revela na festa de Nossa Senhora do Rosário que estuda de compreender o “festejar” dos integrantes da Comunidade durante a Festa do Reinado. No trabalho de Erisvaldo Pereira dos Santos, dissertação de mestrado apresentada à UFMG em 1997, o foco do estudo é a construção do sujeito adolescente na Comunidade dos Arturos.

JESUS e ALMEIDA (2008) no artigo intitulado “Narrativas, memórias e identidades: mulheres da comunidade negra dos Arturos” discutem a história do cotidiano de mulheres, sua escolaridade e inserção no mercado de trabalho, seu papel nos festejos, a imagem do sagrado e da família, a importância da mulher na manutenção dos costumes na memória, na identidade e representatividade da oralidade na transmissão dos costumes.

Relacionamos apenas alguns dos muitos trabalhos significativos que compõem um acervo do que há de cientificamente construído sobre a Comunidade, não deixando de considerar que a escola é espaço privilegiado para socialização desse conhecimento, pois, atuar nesta mediação contempla o previsto na legislação quando considera as “iniciativas desenvolvidas pelas redes públicas de ensino e as práticas pedagógicas realizadas” na perspectiva da Lei 10.639/03. O que move nossa proposta é a necessidade de promover ações que afirmem nosso pertencimento e nossa identidade e, nós, “escola” como “indutores de uma política voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas...” em conformidade com a Resolução CNE/CP 01/2004 e especificamente o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para Educação das Relações étnico-raciais e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana de 2009, que detalham os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação da lei.

2- OS ARTUROS

De acordo com a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais, a comunidade dos Arturos é composta dos descendentes de Artur Camilo Silvério que era filho do escravo Camilo Silvério, que veio de Angola em navio negreiro em meados do

século XIX e, chegando ao Brasil, conseguiu sua carta de alforria e se estabeleceu, em Minas Gerais, casou-se com a escrava alforriada Felisbina Rita Cândida, com quem teve seis filhos. Desses, destacou-se Artur Camilo Silvério, que mais tarde fundou uma comunidade em seis hectares de terra no povoado Domingos Pereira, hoje Jardim Vera Cruz, em Contagem. Artur Camilo casou-se com a negra Carmelinda Maria da Silva, e desse casamento nasceram 10 filhos.

A comunidade é representada juridicamente pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem, fundada em 1972, composta de 45 famílias, aproximadamente 450 pessoas. Os moradores trabalham em Contagem e em Belo Horizonte. Muitos são funcionários das indústrias existentes no entorno da comunidade. O ponto alto das comemorações é a festa de Nossa Senhora do Rosário, celebrada em outubro, fartamente divulgada pelos membros da comunidade e reconhecida pelos moradores de Contagem, cujo arquivo público é repleto de documentos:



A Comunidade dos Arturos dedicou três dias de celebrações para homenagear a Santa
PUBLICADO EM 17/10/08 - 10h12.

Nos dias 11, 12 e 13 de outubro acontece a tradicional e mais importante festa da comunidade, a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Iniciada no sábado (11), com o levantamento dos mastros na Casa de Cultura, a comemoração prosseguiu no domingo (12) com a concentração das guardas de congo e a celebração da Missa Conga na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após a missa, as guardas de congo seguiram em cortejo até a comunidade dos Arturos. Na segunda-feira (13), o evento prosseguiu com a concentração das Guardas de Congo e Moçambique, Celebração Eucarística e cortejo para a Igreja Nossa Senhora do Rosário.

A caracterização das guardas se prende à estrutura do mito: os moçambiqueiros usam as cores de Nossa Senhora - o azul e o branco - e os congos se vestem de rosa e flores coloridas, representando o caminho de galhos e flores para a Senhora passar. Indo à frente, o Congo anuncia a chegada dos filhos do Rosário com seus ritmos rápidos e movimentos ágeis, preparando a passagem para o Moçambique conduzir reis e rainhas, representantes de Nossa Senhora do Rosário e demais santos de devoção.



Possuem um grupo folclórico- cultural que divulga as tradições herdadas dos ancestrais por meio da música e dança religiosas de origem africana. A comunidade vem realizando diversas festas, há mais de 100 anos, com sua cultura expressiva e forte religiosidade. A primeira festividade do ano é a folia-de-reis, no dia 6 de janeiro. A festa da abolição, realizada desde 1972, no dia 13 de maio, é outra das manifestações culturais da comunidade. Em outubro, acontecem as festas do congado ou congada é uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira. Constitui-se em um bailado dramático com canto e música

que recria a coroação de um rei do Congo. Trata basicamente de três temas em seu enredo: a vida de São Benedito, o encontro da imagem de Nossa Senhora do Rosário submergida nas águas e a representação da luta de Carlos Magno contra as invasões mouras. E, em dezembro, a do João do Mato ligada à agricultura, na época da capina e plantio.



Festa de João do Mato dos Arturos - foto: Lúcio Dias

Há também o candomblé e o batuque nas festas de casamentos, aniversários e batizados, além do grupo de percussão e dança afro “Arturos Filhos de Zambi”, formado por jovens da comunidade. Quem decide tudo dentro da comunidade são os mais velhos. Assim manda a tradição. O respeito aos idosos é um valor fundamental na cultura do grupo.

A comunidade já possui o certificado da Fundação Cultural Palmares e, desde 2005, aguarda a titulação de suas terras pelo INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.



Assim, podemos entender quando Holzer (2015, p.21) discute os modos de ser-no-mundo que são delimitados pelo mundo, lugar e território e, sendo o espaço, um termo genérico e abstrato, que só pode existir a partir daquele que o ocupa e desta forma de ocupação ao passo que território já traz um entendimento ligado a pertencimento, demarcação, identidade, determinado pelo sujeito que promove a ocupação com todo o seu jeito de “ser-no-mundo”.

O entorno da escola tem como características, justamente uma indefinição de

identidade se podemos pensar assim em relação ao que se entende por território socialmente construído.

Em Holzer (2015),

A pouca mobilidade pode, então, produzir experiências intensas de lugar e de lugaridade, que se expressam para os “de fora” como territórios restritos e muito bem delimitados. Em Maricá, moradores estabelecidos há vinte anos no município ainda são, agora mais eventualmente, chamados publicamente de aves de arribação. Essa estratégia os mantém como outsiders, desprovidos publicamente de sua lugaridade, mesmo que conheçam e vivenciem, mais do que os moradores “locais”, os lugares que habitam.

Esses territórios não constituem um todo coeso e uniforme, na verdade compõem, como propõe Bonnemaïson (1981), arquipélagos de lugares, determinados pelas lugaridades individuais e de grupos, cuja fluidez varia segundo a mobilidade que possuem. (HOLZER, 2015, p.21)

Retomamos aqui “arquipélagos de lugares determinados pelas lugaridades individuais e de grupos, cuja fluidez varia segundo a mobilidade que possuem” para tratar daquilo que demonstra o entorno da escola, sua organização, seus moradores. Desde o primeiro questionamento em relação ao conhecimento dos estudantes da escola sobre a Comunidade dos Arturos para o qual a resposta foi o silêncio, o estranhamento e a negação, inquietou-nos a reação, pois para nós era “natural” que todos conhecessem. A proximidade física (2 km) não promoveu a proximidade “emocional” e não reconheceu a riqueza dos saberes desta Comunidade que poderia enriquecer o conhecimento dos estudantes ao mesmo tempo em que possibilitaria reflexões que se efetivariam em mudanças atitudinais, agregando valores de respeito à diversidade, às religiões e de enfrentamento ao racismo.

Nossa escola, composta de estudantes do bairro e adjacências, que não trazem elos que propiciem uma memória coletiva, pois são moradores novos, recém-chegados de outros bairros, cidades e estados, tenta ainda, através de conscientização e engajamento de todo o corpo docente trazer a comunidade para uma parceria. Iniciamos o trabalho buscando identificar pontos comuns e, partindo daquilo que os próprios estudantes traziam de suas vivências em relação às questões raciais e a cultura ou culturas implícitas lembrando que conforme ROCHA e TRINDADE (2006),

Sabemos que existe um currículo manifesto que está presente nos planos de ensino, curso e aula, mas visceralmente articulado está o currículo oculto que representa um “corpus ideológico” de práticas que não estão explícitas no currículo manifesto, formalizado. Nesta relação manifesto/oculto, podem circular ideias que reforçam

comportamentos e atitudes que implícita ou explicitamente podem interferir, afetar, influenciar e/ou prejudicar a aprendizagem escolar dos/das discentes. Estas podem remeter a preconceitos, intolerâncias e discriminações enraizadas e que estão ligados às relações de classe, gênero, orientação sexual, raça, religião e cultura. (ROCHA e TRINDADE 2006, p. 56).

O que poderia “interferir, afetar” em nossos discentes a visão do entorno? É a sua identificação com uma comunidade negra? Haveria entre os docentes, implícito um “currículo oculto” que favorecesse o distanciamento? E quanto à comunidade? Poderia se falar em “intolerâncias e discriminações enraizadas e que estão ligados relações de classe, gênero, orientação sexual, raça, religião e cultura”? Com quais fundamentos estaríamos lidando para iniciar nossa proposta de análise para uma proposta pedagógica? Haveria uma proposta pedagógica que, efetivamente, buscasse a aproximação entre a comunidade escolar e a comunidade dos Arturos numa ação verdadeiramente afirmativa que partisse do princípio daquilo que os estudantes tinham como vivência? Pois, ainda segundo ROCHA e TRINDADE (2006),

Pensar propostas de implementação da lei nº. 10.639/2003 é focalizar e reagir a estruturas que escolares que nos enquadram em modelos por demais rígidos. Atentarmos para a interdisciplinaridade nesta proposta é estarmos abertos ao diálogo, à escola, à integração de saberes, à ruptura de barreiras, às segmentações disciplinares estanques. ROCHA e TRINDADE (2006, p.57).

Talvez conforme tratado no livro “Identidade, Negritude e Branquitude” de Maria Aparecida Silva Bento (2014,p.68), o racismo institucional, a pertença religiosa, afetada diretamente pelo sistema de relações raciais vigente, em que a desigualdade e a exclusão racial são agudas, brancos e negros são colocados em lugares simbólicos e concretos extremamente diferentes, não raro antagônicos.

E, muitas vezes veem a si próprios e ao outro de maneira distorcida, o que favorece o tensionamento entre os grupos, bem como a permanência do quadro das desigualdades ou em uma pretensa indiferença, como se não houvesse, na realidade, nenhum motivo para questionamento ou proposta de trabalho que refletisse sobre as questões raciais.

A decisão de trabalhar a partir do conhecimento que nossos alunos tinham em relação à comunidade dos Arturos, reafirmamos, tem como base o princípio pedagógico de considerar que os estudantes são sujeitos de uma história, participantes de uma família, de uma comunidade e possuidores de saberes.

3-LEVANTAMENTO DE DADOS

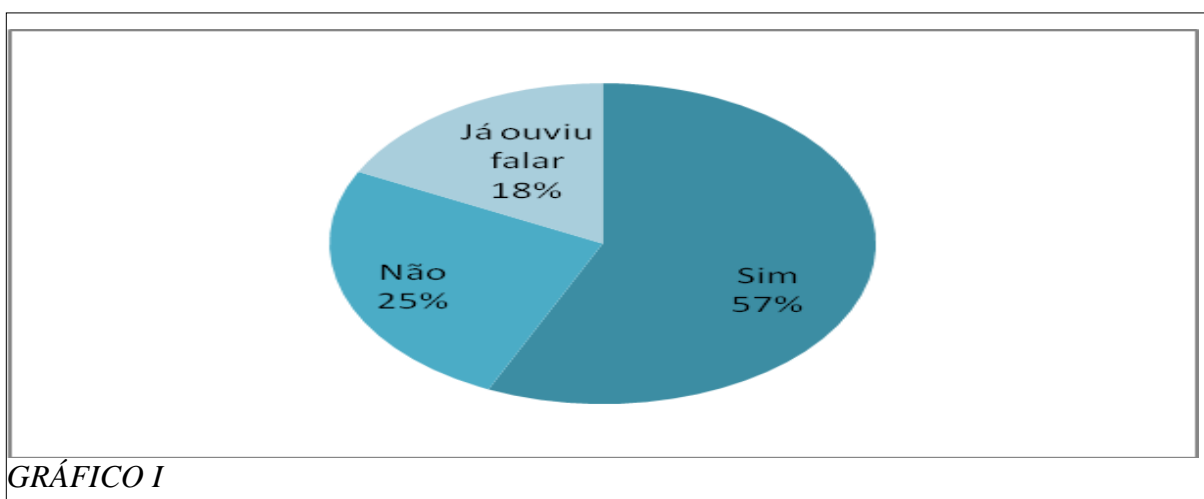
Diante da necessidade de conhecer saberes de nossos estudantes, propusemos aos/as alunos/as do 8º ano, duas turmas compostas de 58 alunos, que respondessem a um questionário sobre a Comunidade dos Arturos, deixando que pensassem nas questões, sem quaisquer influências que pudesse comprometer o resultado. Utilizamos as aulas de Português e História para que a atividade fosse realizada simultaneamente.

No momento da aplicação do questionário já ficou perceptível certo espanto em relação ao assunto tratado. Após a análise das respostas apresentadas e discussão destas com as turmas, a maioria dos/as aluno/as manifestou interesse em conhecer a Comunidade.

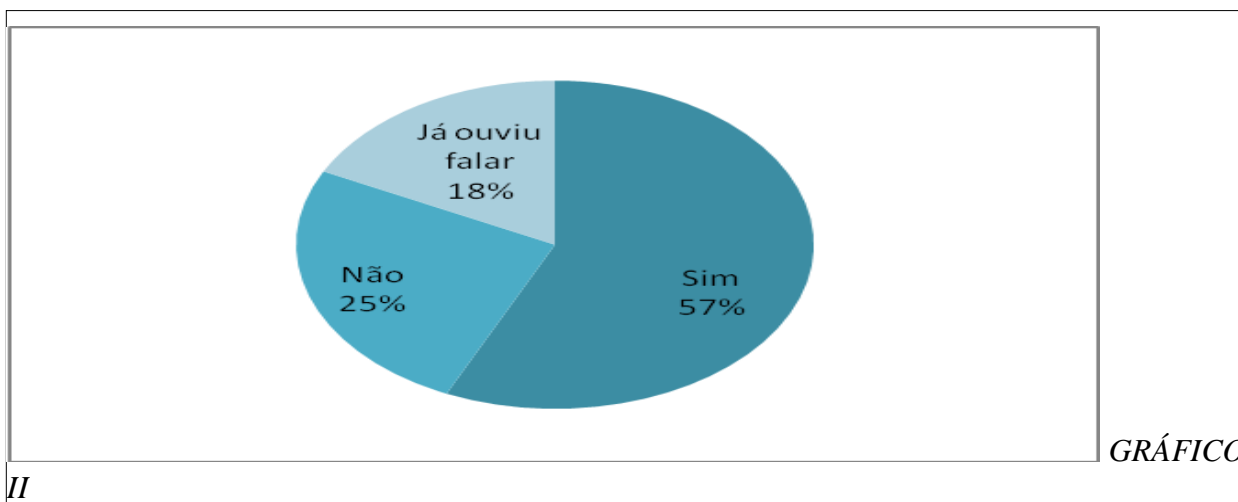
A visita foi realizada, as turmas receberam da Professora Gorete, responsável pelo atendimento aos visitantes, informações sobre a história, os costumes e tiveram a oportunidade de conhecer todas as dependências e foi apresentado um segundo questionário para que os/as alunos/as respondessem. Nos anexos seguem modelos dos questionários digitalizados. Consideramos relevante apresentar dois tipos de questionários, esclarecendo que o segundo foi feito pós-visita à Comunidade dos Arturos e traz novas questões tais como dados socioeconômicos, grau de escolaridade dos familiares e religião para que um novo perfil seja visualizado. Transcrevemos abaixo, com a devida representação gráfica, as respostas ao primeiro questionário com a participação efetiva de 58 estudantes. :

3.1- Questões apresentadas:

1 – Você conhece a comunidade dos Arturos?



2 – Tem alguém em sua família que conhece?



3 – O que você imagina seja a Comunidade dos Arturos? Ou, se já a conhece, explique o que sabe sobre a mesma.

- Uma comunidade normal como as outras;
- Não imagino;
- Seja boa;
- Onde mora muitas pessoas;
- São umas pessoas que fazem macumba;
- É uma comunidade de negros;
- Imagino que seja um bairro;
- Uma pessoa que tem o nome ou sobrenome de Arturos;
- Comunidade de negros que praticam o candomblé;
- Um lugar que mora muitas pessoas desabrigadas.

4 – Você imagina o porquê de viverem nessa comunidade?

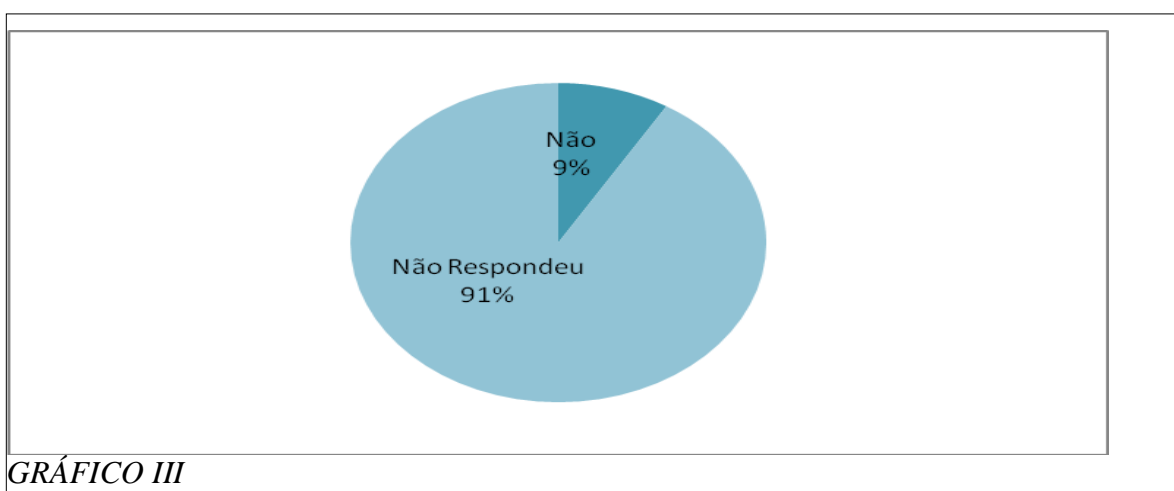
- São comunidades e eles são famílias;
- Existem pelo número de pessoas e famílias;
- Uma comunidade de negros que tem perto do Maria Coutinho;
- São famílias que moram nesse local;
- Deve ser um lugar muito tranquilo pra se viver;
- Lá é uma comunidade onde todos se identificam. Todos têm a mesma cor e o mesmo jeito.

- Uma comunidade onde todos se identificam;
- Para aprender culturas, estilos, modos para viver.

5 – Você gostaria de fazer uma visita à Comunidade dos Arturos? Por quê?

- Para conhecer.
- Não há necessidade.
- Estou com saudades dos meus amigos de lá.
- Para “mim” saber o que é cultura.
- Porque ela é bastante falada.
- Eu acho esquisitas as pessoas de lá.
- Porque lá deve ser um lugar tranquilo.
- Não, já me sinto satisfeita de ouvir falar.
- Nunca parei pra pensar nessa possibilidade.
- Não tenho interesse algum.
- Seria bem importante saber sobre eles, a origem entre outras coisas.
- Não, porque já fui.

6 – Você sabe o que são quilombos?



7 – Você conhece algum quilombo?

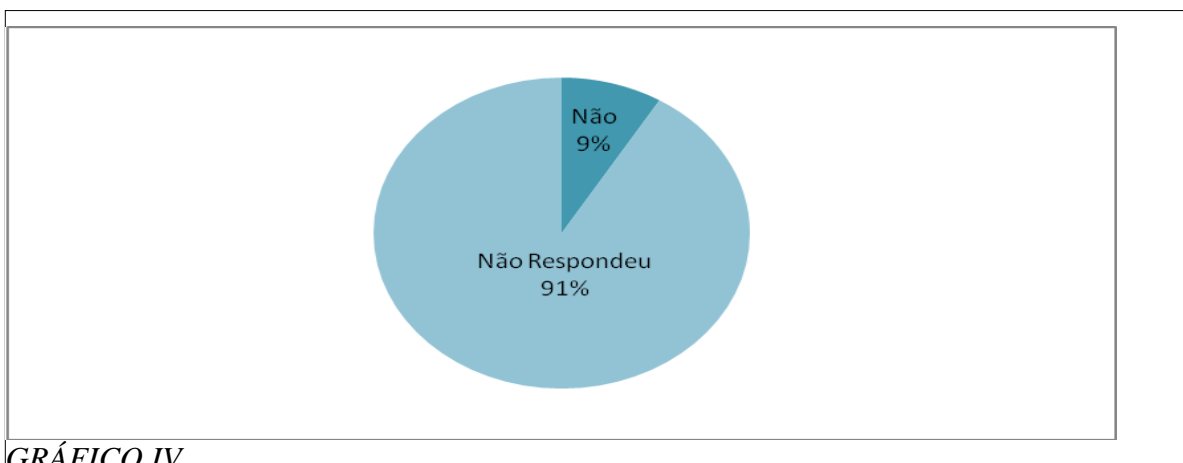


GRÁFICO IV

8 – Como você imagina um quilombo?

A questão que trata dos quilombos merece especial atenção, pois, o termo ficou relacionado ao lugar onde viviam escravos fugidos. E poucos/as alunos/as entrevistados/as fizeram esta relação, a maioria ignora o assunto.

O que não é de estranhar que nossos estudantes não detenham conhecimentos para falar sobre o assunto, pois, se o assunto não é ensinado ou discutido e socializado nos espaços nos quais frequentem e os próprios Arturos não se reconheciam até pouco tempo como quilombolas. Em tese apresentada por Aldemir Fabiane à Universidade do Vales dos Sinos, na qual trata dos novos quilombos desde a Constituição de 1988 até 2008, esclarece pontos importantes tais como que, com o ato abolicionista, o cativo conquista sua liberdade civil e o quilombo perde a representação de resistência contra a escravidão ganhando outras referências. Mas, a legislação quilombola não tem sido prioridade, infere-se que não faz parte da gama de conteúdos que devem ser aprendidos ou que não tenha relevância social.

Por ser uma Comunidade de visibilidade nacional, estar tão próxima da escola, dos estudantes e de suas famílias, o fato de 57% (pouco mais da metade) conhecer a Comunidade e, quase metade não conhecer ou apenas ter ouvido falar, dá-nos um primeiro sinal de que faltam empatia, afinidades entre os sujeitos que não demonstram interesse por um saber que não traz àquele que o detém prestígio diante de uma sociedade e de uma cultura. Considerando que a inegável e conhecida relevância cultural da Comunidade não é suficiente para ser conhecida pelos mais jovens que, utilizam o termo normalidade, como geral, inespecífico.

As respostas dadas às questões três e quatro que objetivam investigar o que esses estudantes têm em seu imaginário em relação aos Arturos, mostram desconhecimento dos elementos históricos, sociais e culturais que carregam esses sujeitos. Relacionam os negros pertencentes à Comunidade às religiões de matriz africana, reafirmando o conceito vigente e confuso daqueles que não conhecem os princípios destas religiões e desconsideram as questões do sincretismo, ao quais os negros recorreram pela necessidade de resistir às imposições dos escravizadores. A expressão “pessoas desabrigadas” relaciona-se à cor, ao fenótipo, à questão da falta de casa ou abrigo, sujeitos em posição de desprestígio social e miséria econômica.

Tratar a Comunidade com “um lugar onde todos se identificam” aproxima-se mais do conceito generalizador, carente de individualidade, “tem a mesma cor e o mesmo jeito”. Quanto ao desejo de visitar a Comunidade manifestado por 69% dos estudantes entrevistados e o porquê de terem respondido sim, pode sinalizar muito mais uma indiferença, um “tanto faz” quanto ao assunto, que realmente um desejo. Vimos em Quijano (2005) que “pequena minoria branca no controle dos Estados independentes e das sociedades coloniais não podia ter tido nem sentido nenhum interesse social com os índios, negros e mestiços.”

Interessante as respostas dadas à questão cinco, pode-se voltar a pensar no desprestígio, pois “apesar de bastante falada”, as pessoas são consideradas “esquisitas” e não há o desejo de visitar, basta “ouvir falar”. Penso indispensável citar Quijano (2005):

Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e, em especial, do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2005, p.107.)

As justificativas para as respostas negativas apresentadas por 21% dos estudantes são curiosas e realçam, quando não a indiferença, o desconhecimento da contribuição cultural desse povo na construção de nossa memória coletiva. O que corrobora a citação no que tange a “todas as formas de controle da subjetividade” e quanto às questões 6, 7 e 8 não foi surpreendente ignorarem o assunto pois já mostraram que, até então, não são questões significativas para nossos/as alunos/as.

O resultado do questionário enfraquece a nossa primeira hipótese que era da existência entre os/as alunos/aso de algum preconceito em relação à religião de matriz africana praticada

pelos integrantes da Comunidade, uma vez que as respostas não autorizam conclusões que apontem fatores ligados a religião como ponto de afastamento e ruptura. Pois, pelo menos em princípio, não percebemos nenhuma relação conflituosa significativa em função da religião. Indagamos então: Por que não conhecem? Por que não existe no presente uma proposta pedagógica que faça a mediação entre os estudantes e a riqueza cultural da Comunidade dos Arturos?

Assim, acreditamos na proposição de um Plano de Ação Pedagógica que viabilize a aproximação e a integração entre os sujeitos do nosso trabalho, proporcionando visibilidade dessa cultura e construção de identidades e compartilhamento de território.

Em princípio, o afastamento entre a Comunidade e a escola não é voluntário, hipoteticamente pensamos no desconhecimento ou na negação em função do desprestígio construído historicamente e culturalmente de uma comunidade negra e de sua cultura. Essa comunidade foi convidada a participar nas práticas pedagógicas, trazendo seus saberes? Essa comunidade convidou a escola para conhecer suas práticas e sua história? O que povoa o imaginário dos/as estudantes e de suas famílias em relação à história dos Arturos?

4- UMA PROPOSIÇÃO PARA A ESCOLA

Qualquer plano de ação pedagógica “deve” implicar “o reconhecimento da necessidade de superação de imaginários, representações sociais, discursos e práticas racistas na educação escolar”. Pois é com esses imaginários que a escola precisa trabalhar justamente para desmistificá-los através do conhecimento de que a cultura não tem hierarquia e que seu prestígio ou desprestígio passam por interesses, ideologias e preconceitos. Importa que as práticas pedagógicas incluam a participação da comunidade (família) para que se efetive a reparação, reconhecimento e ações afirmativas.

Assim, o trabalho que propomos à escola é o maior envolvimento entre comunidade escolar e a Comunidade dos Arturos, por meio de uma parceria que inclua palestras, visitas, oficinas, participação dos estudantes nas comemorações e outras iniciativas que podem ser sugeridas pela própria comunidade do bairro visando a integração de saberes e culturas ocupando esse espaço abstrato que se concretiza quando ocupado como território cultural.

Já demos início ao trabalho, com atividades de “provocação”, “sensibilização” através de vídeos, debates e a culminância em uma visita com a realização da palestra. Importa fazer desta intervenção pedagógica uma atividade constante, parte do currículo da escola. Pois, constatou-se que há certa indiferença em relação à temática, se não o preconceito que consideramos como primeira hipótese, outros motivos que cabe aos sujeitos envolvidos para construção da proposta pedagógica identificarem, buscando uma atuação consistente e eficiente que promova realmente a interação entre os sujeitos em suas diferenças de cor, raça e cultura, promovendo sempre a melhora das relações, o crescimento individual e coletivo pelo compartilhamento de saberes.

Quando assistimos ao vídeo documentário, logo após a análise do questionário, com os estudantes, foi emocionante perceber que um deles (chamaremos de José), que nunca deixava claro participar da comunidade e conforme sabíamos por outros membros, representava um rei nas festividades, identificou sua imagem no vídeo e imediatamente começou a narrar os eventos apresentados, esclarecendo aos demais colegas. Foi a afirmação de uma identidade, o empoderamento. Inclusive, em ocasião da visita à Comunidade, nosso “José” foi o anfitrião, levou-nos a todas as casas, apresentou-nos aos moradores, contou-nos histórias, serviu-nos água. Foi a apropriação de um território, afirmação da identidade e, novamente o empoderamento. Isso vale o trabalho de mediação pedagógica.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Concluindo, os/as estudantes podem aprender muito com a Comunidade dos Arturos, agregando valores, entre os quais o respeito e culto à ancestralidade e, a partir desta aprendizagem, um novo campo de possibilidades se abre: na história, nas artes, na linguagem, na saúde, na religiosidade. Cabe então, o que dizem Almeida e Jesus (2008),

Nos Arturos os aspectos religiosos propiciam uma sociabilidade intensa. Os rituais partilhados culturalmente traduzem as ideias e valores do grupo. A Comunidade Negra dos Arturos se recria e se afirma no tempo presente. As lembranças e imagens circunscritas à memória afetiva são contatadas e cantadas, e, muitas vezes se tornam inaudíveis diante da emergência do acelerado progresso. (ALMEIDA e JESUS, 2008, p. 13)

Retomando, Quijano (2005),

Conseqüentemente, é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos. (QUIJANO, 2005, p. 108)

Implica também, a conscientização dos/as professores/as e de toda uma comunidade escolar que se verá envolvida, identificada com a cultura africana e afro-brasileira, implementando efetivamente a Lei 10.639/2003 em todas as suas dimensões humanas, sociais e legais, pois que emerge tão próxima à escola, a comunidade vivendo, acontecendo, sendo agora, aqui, neste momento histórico toda a riqueza de uma cultura.

Sai da zona de conforto, a professora de Literatura que apresentava aos estudantes a visão europeizada do colonizador os guerreiros loiros de olhos azuis, a retórica do vencedor. Ficam em segundo plano aqueles castelos de princesas loiras, formadas na moral judaico-cristã que tomavam chá com brioques e tortas de maçãs.

Meus príncipes e princesas agora tinham outras línguas, outras histórias, outros sofrimentos, representavam o outro lado da história, eram os colonizados, os massacrados e a sua luta para manter os seus deuses, a sua língua e os seus costumes precisavam ganhar visibilidade. Apresentavam resistência e a resiliência era a sua marca indelével. O curso acendeu em mim a necessidade de luta contra todas as formas de discriminação e principalmente, transformou na educadora o olhar que, agora mais perspicaz não deixará passar as cruéis sutilezas presentes nas discriminações em todas as suas nuances que podem se manifestar, ferir e marcar. Agora com os tambores e a sua magia.



6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Junielle Rabêlo. JESUS, Seldinha de. Narrativas, memórias e identidades: mulheres da comunidade negra dos Arturos. In. História, imagem e narrativas, nº 7, ano 3, ISSN 1808.9895, SET/OUT, 2008. Disponível em <http://historiaeimagem.com.br> – Acesso em 08/01/2016.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios étnicos: o espaço dos quilombos no Brasil. In. SANTOS, Renato (Org.). Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.119-122.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. NOGUEIRA; Marly de Jesus Silveira e Simone Gibran Nogueira. Identidade, branquitude e negritude - contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. **Casa do Psicólogo**, 2014.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino da História Afro-brasileira e Africana. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

COSTA, Karla Ocelly. **Arturos, filhos do Rosário.** Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-bendito. Acesso em 12/03/2016

<http://educação.uol.com.br/congado-festa-folclorica-une-tradições-africanas>. Acesso em 12/03/2016

<http://educaterra.terra.com.br>. Acesso em 12/03/2016

FABIANE, Aldemir. Os novos quilombos. Luta pela terra e afirmação étnica no Brasil (1988-2008). Tese de doutorado apresentada à Universidade do Vale dos Sinos. São Leopoldo, 2008.

FEDERAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <http://quilombolas.org.br> . Acesso em 20/02/2016.

GOMES, Nilma Lino (Org). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003.** Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

HOLZER, Werther. **Sobre territórios e lugaridades.** Cidades, Volume 10 Número

17. Disponível em:

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/3232/2746>. Acesso em 10/02/2016.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. p. 227-278. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>. Acesso em 06/02//2016

Referências Culturais – Comunidade dos Arturos – IEPHA – Inventário para fins de registro da comunidade dos Arturos – Fundação Cultural do Município de Contagem.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho e **TRINDADADE** e Azoida Loretto. Ensino Fundamental. Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006.p.55 A 57.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Religiosidade, identidade negra e educação**: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

SANTOS, M.; **SOUZA**, M. A. A. de; **SILVEIRA**, M. L. (org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec; Annablumme, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990 90p.

ANEXOS – QUESTIONÁRIOS

Prefeito Sebastião Camargos

NOME: Melen Camida T.: 901 DATA: 30/09/15

ATIVIDADE - PORTUGUÊS/ HISTÓRIA

- 1- Você conhece a comunidade dos Arturos?
() Sim () Não Já ouvi falar
- 2- Tem alguém em sua família que a conhece?
() Sim Não () Já ouvi falar
- 3- O que você imagina seja a Comunidade dos Arturos? Ou, se já a conhece, explique o que sabe sobre a mesma?
() Sim Não () Já ouvi falar
- 4- Você imagina o porquê de viverem nessa comunidade?
nao muito querida, isolada
- 5- Você gostaria de fazer uma visita à Comunidade dos Arturos?
 Sim () Não
Por quê? para conhecer como é
- 6- Você sabe o que são quilombos? () Sim Não
- 7- Você conhece algum quilombo?
nao
- 8- Como você imagina um quilombo?
nao

CONFIRA SUAS RESPOSTAS!

2015

Questionário 1

QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO

Nome: *Zinidia Aguiar do Silva*

Endereço: *Rua: 3 Nº 65 Bairro: Chacaras deu rey*

Sexo: masculino () feminino

Data de nascimento: *24/5/2000*

Cor/etnia: () branco (a) () pardo(a) negro(a) () amarelo(a) () indígena(a)

Onde você nasceu?

Contagem

Belo Horizonte

Cidade de outro Estado/País, qual? _____

Onde e como você mora atualmente?

Em casa ou apartamento, com sua família.

Em casa de outros familiares

Outra situação, qual? _____

Quem mora com você?

Pai Mãe

Irmãos

Outros parentes. Quais? _____

Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você)

Duas pessoas.

Três pessoas.

Quatro pessoas.

Cinco pessoas.

Seis pessoas.

Mais de 6 pessoas.

Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar à escola?

A pé/carona/bicicleta.

Transporte coletivo.

Transporte escolar.

Transporte próprio(carro/moto).

Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

Você não trabalha e seus gastos são custeados.

Você trabalha e é independente financeiramente.

Você trabalha, mas não é independente financeiramente.

Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.

Onde você freqüentou a Educação Infantil?

Todo em escola pública.

Todo em escola particular com bolsa.

Maior parte em escola particular.

Maior parte em escola pública.

Maior parte em escola particular com bolsa. Todo em escola particular.

Qual é o nível de escolaridade do seu pai? (Marque apenas uma resposta)

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

Não sei

Questionário 2

Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? (Marque apenas uma resposta)

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

Você tem pais ou cônjuge/companheiro (a) falecidos? Não [] Sim. Quem? _____

A situação conjugal de seus pais é: Vivem juntos. [] Separados.

Quem é a pessoa que mais contribui na renda familiar?

[] Você mesmo. Pai. [] Mãe [] Outra pessoa. Qual? _____

Qual a renda mensal de sua família? (considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

Até 02 salários mínimos. [] de 02 até 04 salários mínimos. [] Superior a 05 salários mínimos.

Quantidade de pessoas que vivem da renda mensal familiar (incluindo você)

[] Uma. [] Duas. [] Três. [] Quatro. Cinco ou mais.

Existe em seu grupo familiar membro portador de doença física ou mental que necessite acompanhamento terapêutico sistemático (comprovada por atestado médico)?

Não. [] Sim. Parentesco: _____ Qual doença? _____

A casa em que sua família reside é:

[] Emprestada ou cedida.

[] Própria em pagamento. (valor da prestação: R\$ _____)

Alugada: (valor do aluguel: R\$ 250)

[] Própria já quitada.

Quais dos itens abaixo há em sua casa? Escreva a quantidade nas frente dos itens que você marcar:

- Tv
- Videocassete e/ou DVD
- Rádio
- Microcomputador
- Automóvel
- Máquina de lavar roupa
- Geladeira
- Telefone fixo
- Telefone celular
- Acesso à Internet
- Tv por assinatura
- Empregada mensalista

Elabore um parágrafo explicando como você imagina ser o cotidiano dos moradores da Comunidade dos Arturos. Você pode falar sobre o ambiente físico, a relação entre as pessoas, o cotidiano, as festas etc...
